

Anatomia e arte: união necessária como o corpo e a alma

Anatomy and art: a necessary union such as that of the body with the soul

Manuela Figueiroa Lyra de Freitas, José Jailson Costa do Nascimento², Marcelo Moraes Valença¹

¹Universidade Federal de Pernambuco, Cidade Universitária, Recife, Pernambuco, Recife, Brasil

²Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

Freitas MFL, Nascimento JJC, Valença MM. Anatomia e arte: união necessária como o corpo e a alma. *Headache Medicine*. 2016;7(1):6-10

"Não faço arte para decorar ambientes. Ela não é só para embelezar. A arte deve ser trabalhada para nos levar a pensar sobre tudo que nos rodeia e que está dentro de nós. Experimento-a levado por uma força interna, incontida, que ordena e manipula a exteriorização do objeto. Através da arte, grito coisas que não consigo falar"

Eulâmpio José da Silva Neto

INTRODUÇÃO

Anos atrás criamos um espaço na nossa revista científica *Headache Medicina* destinado à neuroarte e decidimos em cada capa da revista colocar uma ilustração representando algum aspecto relacionado com cefaleia, seja do ponto de vista científico ou expressando algum tipo de arte plástica. Nesta edição estamos homenageando o colega anatomista Eulâmpio José da Silva Neto, cuja obra artística muito revela da aflição que nossos pacientes sofrem com esta afecção muitas vezes crônica que é a cefaleia, principalmente quando estamos diante da migrânea e suas comorbidades psiquiátricas como a ansiedade, depressão, pânico e um limiar mais baixo para dores em outras regiões do corpo.

GRANDES ANATOMISTAS - GRANDES ARTISTAS

O olhar do anatomista e do artista percebem coisas que muitos não vêem, pois acham que os anatomistas são frios, no entanto, somos sensíveis, como poucos, porque enxergamos a alma em um ser morto, porém, está vivo em várias recordações e sentimentos de muitos entes queridos e vivos, constituindo assim, uma dor chamada SAUDADE.

A anatomia foi fonte de inspiração para grandes artistas renascentistas do século XV, como Leonardo da Vinci (1452-1519) e Michelangelo Buonarroti (1475-1564), artistas anatomistas que exploraram o corpo humano para produzirem suas obras, grandes gênios. Leonardo da Vinci teve sua obra marcada pela riqueza de detalhes, era mais realista e respeitava as proporções anatômicas, tinha maior afinidade por obras de pintura. Michelangelo, um dos mais talentosos artistas plásticos da história, gostava de retratar esculturas em formas exageradas, foi um artista consciente de seu grande talento.

PROFESSOR E ARTISTA PLÁSTICO EULÂMPIO JOSÉ DA SILVA NETO

Foi falando da dor que este professor e artista, Eulâmpio José da Silva Neto, iniciou um de seus experimentos, aquele da alma, que como diz, surge de dentro e vai para fora, aflora, como pensamento, e se concretiza nas mãos do escultor, nobre escultor, eclético escultor, que faz da sua obra, também seu momento inquieto, de todo o desconexo, entre homem, ser pensante e sensitivo.

Suas mãos hábeis não só dissecam, a mais bela arte do Criador, o corpo humano, mas revela com as mesmas

mãos em barro e terra, sentimentos de um extremo furor. Quão belas as esculturas delas, das mãos poéticas do escultor, eximem arte, destreza, proeza e amor. Amor por algo que ainda vai criar, mas que se tornará sua expressão mais profunda de captação de elementos invisíveis, pois são sentidos e muitas vezes não ditos.

A dor humana é algo misterioso, é uma dor sem mensuração, a causa não pode ser só uma, mas uma história, uma revolta, uma paixão, uma decepção, um sonhar, um simples existir.

Se existo crio, sonho e faço:
 Com argila faço o que acho que passa nas emoções;
 Capto do silêncio de um cadáver;
 O que passou em sua mente;
 Sombria mente;
 Que um dia já pensou;
 Em coisas belas;
 Tristezas e desamores;
 Sonhou;
 Por isso esculpo na terra o sentimento da dor;
 A dor pode ser minha; pode ser sua e pode ser nossa;
 Quando só minha, é loucura, é acaso;
 Quando junta, com a de outrem, ou por outrem;
 Passa a ser mais minha, prisão desvairada, que tenho
 que libertar toda a energia, captada de volta ao
 seu lugar;
 Para isso uso o corpo, que se expressa sem falar;
 Daí vem não só o artista, mas o anatomista, que com
 perfeição e arte;
 Parte para a obra finalizar;
 Inicialmente sem forma sem contexto, até com desprezo;
 Começa-se a criar, depois uma agonia de quem
 sempre cria;
 De que algo não está bom;
 Tem que melhorar;
 Depois o alívio, a paixão e a necessidade de fazer;
 E com o conhecimento filosófico e anatômico passo a
 tecer;
 As experiências de vida e que vejo na vida para o meu
 novo ser criatura/escultura;
 Onde coloco em linhas duras e delicadas,
 as impressões ósseas, os tendões e músculos e suas
 fâscias a revestir;
 Órgãos e vasos e tudo que posso tecer;
 Teço com a agulha de um mestre da escultura,
 minhas mãos;
 As mãos também falam, assim como, a expressão do
 corpo e da face e de todo o ser;

Momentos estes que fico até sem braços,
 falo eu, escultura;
 E outros, onde até mesmo me abraço, com a minha
 solidão, com a minha depressão, ansiedade e
 indecisão;
 Só posso dizer que, sem a arte não haveria
 compreensão do que se passa no interior, mais guardado,
 de uma alma e de um coração;
 Pois não me controlo, apenas ponho para fora toda a
 emoção, captada com a mais alta perfeição.

Estas palavras foram escritas com as mãos, mas vieram das emoções após contemplar as esculturas do professor anatomista/artista plástico que homenageamos na capa da *Headache Medicine*.

Eulâmpio José da Silva Neto, nasceu no Recife-PE no dia 13 de dezembro de 1961, terceiro filho de Lourival José da Silva e Irene Maria Castelo Branco. Coursou Medicina Veterinária na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Coursou Mestrado em Anatomia Veterinária na Universidade de São Paulo (USP) e Doutorado em Ciências Naturais (Anatomia de Vertebrados), na Universidade de Tuebingen, Alemanha. Em Tuebingen, também cursou técnica escultória em madeira. Lecionou Anatomia Veterinária na UFRPE e atualmente é Professor de Anatomia Humana da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Continuou seu treinamento no âmbito das artes plásticas, realizando o curso de técnicas escultóricas em argila com o professor Ilson Moraes em João Pessoa, PB em 2008. Isso resultou em algumas exposições e publicações, entre elas citamos:

- *Pathos das Dores e das Loucuras*, 6 de fevereiro a 6 de março, Casarão 34, João Pessoa/PB, exposição conjunta (Selecionado em edital de ocupação 2008/9 do Casarão 34);
- *Pathos das Dores e das Loucuras*, 2 a 31 de maio de 2009, Livraria Cultura Recife, Paço da Alfândega - Recife, PE;
- *Pathos das Dores e das Loucuras*, 13 a 31 de julho de 2009, Centro de Cultura Amalry de Carvalho - Patos, PB;
- *Coletânea Paraibana*, 26/08 a 4/11/2009, Estação Cabo Branco - Ciência Cultura e Artes, exposição coletiva, João Pessoa, PB;
- *Pathos das Dores e das Loucuras* (parte II), 10/10 a 16/11/2009, Pinacoteca da UFPB - Biblioteca Central da UFPB, exposição individual, João Pessoa, PB;
- *Por que Sapatos*, 05 a 30/11/2009, Centro Cultural São Francisco, exposição coletiva, João Pessoa, PB;

- Lançamento do livro *Meu Ser*, 2 de dezembro, na Livraria Esquina da Letras, Zarinha Centro de Cultura, João Pessoa, PB;
- Lançamento do livro *Meu Ser*, 6 de dezembro, Faculdade Santa Maria, Cajazeiras, PB;
- Lançamento do livro *Meu Ser*, 28 de abril, Livraria Cultura, Paço Alfândega - Recife, PE;
- *Transgressões Capitais* - 1 a 20/09/2011, Estação Cabo Branco - Ciências, Cultura e Artes, João Pessoa, PB (Exposição individual - Selecionada pelo edital da Funjope 2010).

É sobre *Pathos das Dores e das Loucuras* que vamos mostrar um pouco do artista que há, neste anatomista. Que desde criança já convivia, com a arte através de seus desenhos, e que, escondido e com a alma de um menino a sonhar, levava para a sala de aula alfinetes para em um giz trabalhar. Esculpia este giz como uma brincadeira, que hoje, já escultor, faz sua arte brilhar.

Traz na sua bagagem a leitura de poesias, as quais diz gostar das mais fortes, do poeta Augustos dos Anjos, que mais adiante o inspirou a criar obras para outra exposição.

Na Alemanha e com os filósofos que costuma ler: Friedrich Wilhelm Nietzsche e Martin Heidegger, também alemães. Ao som de Mozart e com grande conhecimento de Anatomia Veterinária e Humana e o calor do nosso Nordeste com o turbilhão de sentimentos que só a alma poética, eclética e séria, porém alma, com sentimentos, usa as mãos para expressar, em material bruto, do qual surge um ser oculto, que chamamos de escultura, mas, que o seu nome será dito ao final, pelo autor, reflexo de tudo o que se passa, no interior e exterior, do mundo do nobre artista escultor e professor das formas do corpo humano.

Pathos das Dores e das Loucuras:

○ que podemos falar sobre as lindas obras

“A Solidão” (Figura 1) – o escultor relata que demonstra coluna vertebral como elemento solitário. E a própria escultura se abraça, como buscando conforto, carinho em si mesma. O artista destaca nesta vista o músculo latíssimo do dorso, a espinha da escápula e mãos grandes, que sugere a necessidade de um amplo abraço para aplacar a dor, indecifrável dor. Será apenas solidão?

Na obra “Angústia” (Figura 2), dor tão devastadora que consome energia vital, o artista mostra a pele flácida do rosto, desconfigurado, olhos como se ausentes, talvez a angústia nem tenha olhos nesta arte, e não enxergam nada, além desta dor pungente. Mostra a proeminência

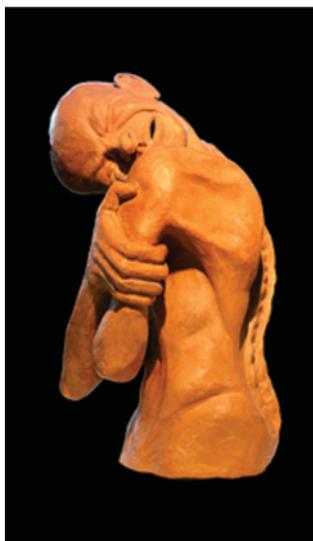


Figura 1. “Solidão”, 2008 (Terracota)



Figura 2. “Angústia”, 2008 (Terracota)

laríngea, músculos e tendões do pescoço, mãos proporcionais, porém mostrando nitidamente as articulações interfalângicas flexionadas, dizendo é dor, é só minha, assim como a solidão, meu psiquê.

A dor materializada na obra: “Remorso” (Figura 3), talvez um somatório de dores, presas na mente, no cérebro, na cabeça, que as mãos tentam aplacar, diminuir.

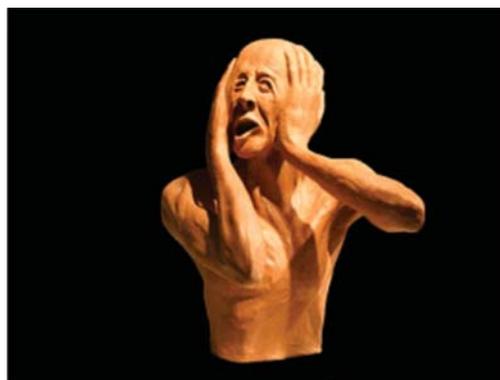


Figura 3. “Remorso”, 2008 (Terracota)

As obras “Aflição” (Figura 4) e “Culpa” (Figura 5) também expressam sentimentos; a primeira gera uma dor inexplicável, o indivíduo fica com a boca aberta, olhos caídos, mãos sustentam a cabeça, de forma torta, pois não sabem o motivo. A culpa coloca seu capacete, como que em um soldado que vai à guerra, na verdade, o próprio indivíduo se automutila, carregando a dor da culpa, dor sua, culpa às vezes de outros. Quantas dores podemos ter? Várias da mente que se refletem no funcionamento dos órgãos. Cefaleia, dor terrível de muita gente, o que se pode fazer?



Figura 4. "Aflição", 2008 (Terracota)



Figura 5. "Culpa", 2008 (Terracota)

Outras obras (Figuras 6 e 7) que refletem outras dores ocultas.



Figura 6. "Paixão", 2009 (Terracota)

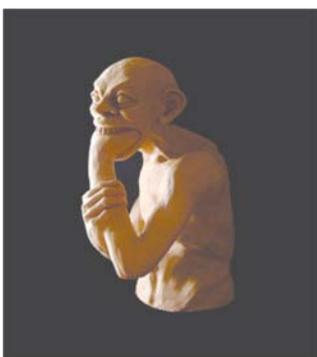


Figura 7. "Ira", 2009 (Terracota)

Agora, outras esculturas (Figuras 8, 9 e 10) e nestas podemos notar a ausência de membros. O que será que o artista/anatomista que transmitir?

A do "Desassossego" (Figura 8), parece ser uma dor terrível, daquelas em que o indivíduo não dorme, não faz nada bem, vive sob tensão, sobre alerta, e este alerta

faz com que desencadeie muitas dores, físicas e morais. Da "Loucura" (Figura 9) não sei se há dor no ser, talvez doa mais em que olha e convive, ou no louco haja outras dores, mas não da loucura, insanidade, que transforma a face, alheia ao mundo, desconexa, ou a mente está presa em um filme que passa apenas no cinema da mente do louco, artista, protagonista de cenas que ele idealiza e participa ao seu modo, ao seu tempo. E por isso muitos tipos de loucura (Figura 9 e 10).



Figura 8. "Desassossego", 2008 (Terracota)



Figura 9. "Loucura", 2008 (Terracota)

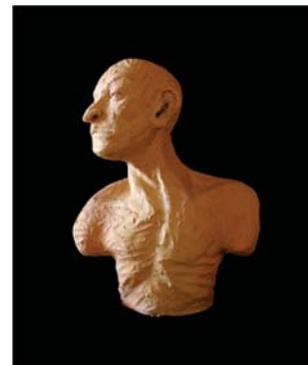


Figura 10. "Loucura 2", 2008 (Terracota)

Em oposto, a "Felicidade" (Figura 11), que nessa escultura também revela a dor, talvez de alguém que sorri, mas não de alegria, sobrancelhas arqueadas e aproximadas, lembrando a loucura. Esta dor parece ser instigante, pois faz sorrir, promove algo da criação de uma mente. Seria um sorriso sarcástico. Nesta obra percebemos bem a anatomia da mandíbula e maxilas bem esculpidas, o nariz bem retocado, os olhos expressivos, nos parece até o retrato de um cadáver.

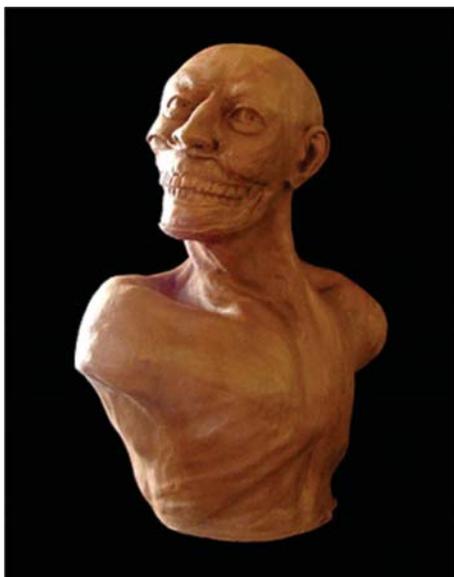


Figura 11. Felicidade, 2008 (Terracota)

Duas Obras Preferidas do artista/anatomista Eulâmpio Neto, a “Decepção” (Figura 12) e a “Incerteza” (Figura 13).



Figura 12. Decepção, 2008 (Terracota)

Interessante que também gostamos muito desta obra, pois revela com perfeição a anatomia do crânio, ao rebater pele, fâscias e músculos. Pois assim é esta dor terrível da decepção. Indivíduo, às vezes, perde a fome, o sono, a motivação, a depender da decepção, pode-se até falecer. Que dor! Mas que bela escultura para retratá-la.

Das esculturas do autor, esta é feminina, vítima principal da dor da incerteza. De um alimento, na dor da fome; de carinho, na dor dos medos; no abrigo, na dor de onde criar seu filho, na dor de nutrir sua criança, que com suas

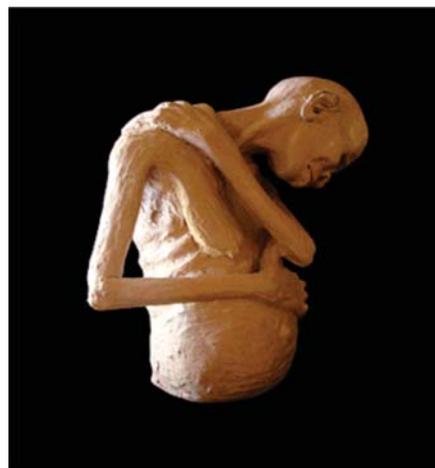


Figura 13. Incerteza, 2008 (Terracota)

mamas sem leite, sentirão a dor da fome. Mãe e filho, com dores da desnutrição, várias dores, além da incerteza.

Desta forma, usamos algumas fotos das esculturas de Eulâmpio Silva Neto na capa desta edição, expressão de arte que tanto representa o sofrimento de nossos pacientes com cefaleia.

"Tenho mais influência de Michelangelo, pelo fato dele ser escultor. Embora minha linha seja diferente, gosto de valorizar a anatomia nas minhas esculturas e também de usar torções que embelezem, mesmo que a escultura que eu esteja fazendo não tenha a beleza como principal característica. É como colocar o belo em uma figura feia."

Eulâmpio José da Silva Neto

REFERÊNCIA

Página pessoal do artista Eulâmpio José da Silva Neto (Oficial) <http://www.eulampio.com.br/>

Correspondência

Manuela Figueiroa Lyra de Freitas
manuelaff@uol.com.br

Recebido: 25 de março de 2016

Aceito: 25 de março de 2016